

4 poemas

Carla Diacov<sup>1</sup>

graças a deus entre nós

dar nome ao prato  
com o resto da tarde  
espinha de peixe e  
mosca inteira  
dar nome  
porque devemos chamá-lo  
porque estava era um  
de nós à mesa  
e nele o resto de tudo que não  
foi digerido  
dar nome pois  
que nomeado terá chances  
de ser magoado culpado trincado  
cúmplice  
um prato  
desde o começo era ele entre  
nós e deitamos do tudo sobre o  
ódio e sobre as alamedas vazias  
que em chulo dialeto  
fizemos dos nossos almoços de domingo  
graças a deus  
graças a deus entre nós  
espinha de peixe e  
mosca inteira  
seu apelido

---

<sup>1</sup> Poeta formada em Teatro. Estreia em livro, além da participação em algumas antologias, com *Amanhã Alguém Morre no Samba* (Douda Correia, Portugal, 2015). Tem participação em diversas revistas on-line e impressas.

efetuar pagamento

o peso desse lápis  
não é o peso da certeza  
em algum momento da vida  
vou ser muito mais parecida com minha mãe  
mais do que já sou  
serei muito mais parecida com meu pai em algum outro  
momento  
serei muito mais parecida com uma vizinha que tive  
vera me acordava com deus aos berros  
serei muito parecida com o padeiro  
em algum passo mais largo que esse  
em algum espirro mais breve  
serei parecida com a megera flor que vejo no vaso  
com a água cheia de larvas  
em algum momento da trilha serei  
mais aquela que quero ser hoje  
uma que não precisa se alimentar  
uma que não usa roupas  
uma que não desperdiça os olhos  
os ovos os ombros os vasos  
o peso desse lápis não é mesmo o peso da certeza  
minha mãe está fazendo chá de alguma coisa  
meu pai está em algum lugar escondido de tudo  
em todo momento  
meu pai está  
em algum momento meu pai será  
muito mais parecido comigo  
e já o peso do lápis confere o documento que segue  
meu pai então  
protocolado

Lhufas vão bem com vinho turvo

alguém diz que o dia é baldio  
basta a vibração das palavras para  
que um homenzinho  
alimente o gato  
corte os cabelos  
acarinhe o pensamento sujo  
de pássaros  
basta a vibração  
para  
que o chão esteja  
para que o chão receba o rosto e os joelhos  
do corpo que cai com a visão  
mandalas na radiação solar  
basta o sol embutido nalgum sentido  
do dia baldio para que  
alguém comece a salgar a carne  
lavar as folhas  
alguém diz que o dia é baldio  
alguém diz lhufas vão bem com vinho turvo  
alguém com alguém passa 11 horas num  
elevador entre o sexto e o sétimo piso  
fazem um filho ou uma saída  
o dia é baldio  
alguém cai duro no sofá de bambu  
alguém espera que o dia baldio acabe  
então basta  
esperar para que a noite chegue  
inculta  
cabendo a tudo  
o dia na noite com salada  
sujeira de pássaros  
lhufas um filho uma saída

lá em vem a cólera em busto e fogo

*.para a série “enterradas vivas” da revista Modo de Usar & CO.*

canta mãe olha  
a cólera e a cólera jovita  
olha cá como o mato seco  
lembra a pequena mania antônia veja só  
vermelho que dá em tudo jovita olha  
chumbo que dá nos dentes há hepáticas secas  
do tempo que se conta há índios  
negros do front  
dum couro leve suave mãe  
nada me vale para sempre  
nada sensação para além do imperioso  
guilherme olha antônia guilherme  
desde agora  
mãe  
são nomes e cólera e couro suave eusébio  
guilherme toma olha aqui  
é de punhal é de fogo é de farda a fábula que  
quero contar olha mãe  
de couro suave amarrava os peito  
sê lenda guilherme lembra eusébio em nada  
eusébio mira o nada homem  
fui ter com meu pedaço de nada  
um tanto do tudo mãe  
há quantas crianças cresci jovita  
a cólera sim tece vivendeiras  
cavalo branco trotando a preto  
a farda o couro a ravina olha  
cavalo filetado bendito ao vinho  
mata bendita olha tanto da infantaria  
postiça mata olha anna  
comme des enfants  
elegantes elefantes da origem fabulosa

segura anna olha o couro suave olha anna  
escuta os anjos desde humaitá antônia  
santos intrusos gritos vem e olha  
jovita filha índia e asa de joana francesa  
sonha e olha na prata o fogo Jovita e farda  
idolatra e cheira pinta o mapa  
ó pátria cuida olha suave o couro  
voluntários da corda  
acordados da pátria  
jovita vê joana em chamas  
olha o punhal guilherme queixa a ladainha  
quela que te fiz amasiada bacamarte sorte  
debaixo da lona uniforme  
escuta antônia joana olha jovita mãe  
é um couro duro suave  
de passar faca de afiar voz mãe  
é coral suave trêmula cantilena  
eusébio olha cá o couro comendo  
eusébio antônia é aceitável cólera  
precisa amontoada bravura em sépia  
conta os tons guilherme deu no jornal  
joana chama em chamas há tons desde  
eusébio cala-te caga e olha  
eusébio olha o couro treme suave  
atira homem acavala o ferro no ombro  
assim e desta forma  
atira mata o nada mira o meio  
ao meio nada onde pode  
o mapa dum tudo olha  
meu primeiro tiro aos 12  
matei pedaços de nada  
toda aferro apenas e às penas para ser  
nome de avenida querendo a nome fronteiriço

jovita há quantas chamas ouvia joana  
olha escutava visões desde humaitá  
lá em vem a cólera em busto e fogo  
mãe  
há tantas tranças chamava  
humaitá  
desde o chamado jornal do comércio ia  
o mapa jovita o mapa há tantas fábulas  
fogos punhal crianças anna  
sargento símbolo primeiro jovita  
o mapa nott

há quantas jovitas  
olha mãe  
quereria a honra para estrebuchar outras